

Uma Reflexão sobre as Escolhas de Alguns Alunos ao Término do Ensino Médio Diante das Pressões e Desafios Sociais

A Reflection on the Choices of Some Students at the End of High School Faced with Social Pressures and Challenges

Amital Aminadab Santos **Brito**
Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE)

Simone Moura **Queiroz**
Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE)

RESUMO

Este artigo é parte de um trabalho realizado como conclusão do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste. Pesquisando e observando os alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública, podemos perceber a necessidade de desenvolver uma pesquisa que tivesse, como objetivo, uma reflexão sobre como os alunos são subjetivados, agenciados e influenciados no processo de escolhas após essa fase. O processo da escolha, no final dessa etapa de ensino, traz uma bagagem de sentimentos que acaba influenciando nas decisões. A escola, família, sociedade, amigos, sonhos, inseguranças, são uns dos enfrentamentos com que alunos - nessa fase da educação - precisam saber lidar a fim de terem autoridade em sua decisão. Iniciamos este artigo com discussões a respeito de temas abordados pela Filosofia, trazendo Foucault, Guattari, Rolnik, além de outros discursos que envolvem a educação em tempos atuais. Em seguida, apresentamos os participantes, alunos do último ano do Ensino Médio, e as perguntas que lhes foram feitas por meio do instrumento de pesquisa: 1) O que você pretende fazer ao terminar o Ensino Médio? 2) Justifique um motivo pelo qual escolheu uma das opções anteriores. 3) Indique uma pessoa que você admira. Qual a profissão dele(a)? Adentrou-se na reflexão de suas respostas com as teorias apresentadas, não com a intenção de rotular, mas embarcar na discussão sobre essas decisões. Evidenciou-se, nos resultados, que a maior parte dos alunos tem como escolha o curso superior, seguindo pelo interesse na inclusão no mercado de trabalho, envolvidos nos fatores sociais.

Palavras-chave: Escola disciplinar. Ensino Médio. Pressões sociais. Decisões.

ABSTRACT

This article is part of a work carried out at the conclusion of the degree course in mathematics, by Universidade Federal de Pernambuco at the Academic Center of Agreste. By reseaching and observing the students of the 3rd Hight School of a public school, we can see the need to develop a research that seeks to raise with the objective, a reflection of how the students are subjectified, managed and influenced in the process of choices after that phase. The choice process, at the end of this teaching stage, brings a baggage of feeling that ends up influencing decisions. School, family, society, friends, dreams, insecurities, are some of the confrontations that students in this phase of education need to know to deal with, in order to have authority in their decision. We started this article with discussions about themes approached by Philosophy, bringing Foucault, Guattari, Rolnik in addition to other discourses that involves education in current times. Thes we present the participants, students of the last year of high school, about a question the were asked: 1) What do you intend to when you finish high school? 2) Justify a reason why you chose one of the previous options. 3) Indicate a person you admire. What is their profession? Entering the reflection of their responses with the theories presented. Not with the intention of labeling but to embark on the discussion of these decisions. It was evident in the results that most students have the choice of higher education, following the interest in the inclusion of the labor market, involved in social factors.

Keywords: Disciplinary school. High school. Social pressures. Decisions.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta argumentos de uma pesquisa desenvolvida em um curso de Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal de Pernambuco, como requisito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Apresentamos aqui parte desta pesquisa, cujo objetivo traz a reflexão sobre as decisões que os alunos do final do Ensino Médio, terceiro ano, tomavam ou sobre o que pensavam após essa fase da Educação Básica.

A escolha que todo jovem deve fazer, quando termina o Ensino Médio, marca sua passagem para a vida adulta, independentemente se está com sua decisão alicerçada ou não. O tempo de cada pessoa é diferente, é preciso reconhecer que decidir o que será melhor para si é uma tarefa difícil para o aluno, pois envolve questões emocionais, intelectuais, em que sua constituição como sujeito está em constante mudança.

É preciso entender que o aluno faz parte de um processo familiar e social e que toda escolha que seja alicerçada em um percurso diferente do que o grupo familiar e/ou social espera ou acredita, acaba trazendo objeções e falta de liberdade.

Durante toda vida deparamos com fases, em que precisamos fazer algumas escolhas em diferentes aspectos. Mas é na etapa final da Educação Básica que os alunos precisam decidir sobre curso superior, profissão, aspectos financeiros, mercado de trabalho, entre outros, e são postos aos questionamentos: O que fazer quando terminar o Ensino Médio?; Qual carreira seguir?; Qual curso superior escolher?. Portanto, é nesse ponto que a escola deve manifestar suas contribuições, orientando-os nesse processo de autoconhecimento e de responsabilidade na sua decisão.

É nesse momento crucial da vida desses alunos que a educação, a escola e os professores, revelam sua importância por meio do processo de facilitar o momento da escolha, não influenciando, mas orientando em suas decisões.

O momento de decisão coincide com a busca de nossa identidade, somos subjetivados, temos desejos e sonhos sobre determinadas profissões. Portanto, discutir os processos que permeiam essas decisões bem como os fatores que influenciam nesta escolha, permite aos alunos o seu posicionamento crítico.

Na contramão deste processo de escolha, encontra-se a sociedade capitalista, oferecendo cada vez menos espaço. As pressões sociais, bem como as expectativas familiares, nem sempre vão ao encontro do tempo do aluno em tomar sua decisão. A escolha precisa ser feita com sabedoria, ou do contrário, muitas vezes, pode levar ao fracasso e à insatisfação no futuro.

O referencial teórico que respaldou este artigo tem sua trajetória compreendida, de início, na visão de Foucault (2011) sobre o poder disciplinar, o regime de exames e avaliações, que têm correlação com as instituições escolares e com as prisões. Em seguida, apresenta o hiperativismo sociovirtual (QUEIROZ, 2016) instaurado pelas novas tecnologias, o que gera o novo perfil: o aluno do século XXI.

Tem-se também um embasamento que segue os pensamentos sobre tempos globalizados, com Rolnik (1996); a escola que ainda opera pela repetição, com um poder disciplinar que faz da educação um processo de subjetivação que resulta na produção em massa. Outros discursos expostos ao longo deste artigo enriquecem a presente discussão.

A pesquisa está composta pelo convite a adentrar nos dados que foram levantados por meio de um questionário realizado com um grupo de vinte e oito alunos, buscando fazer ligações com as teorias apresentadas. A questão que colocamos para pensar diz respeito aos efeitos das subjetivações e pressões sociais que os alunos do final do Ensino Médio têm de enfrentar após a conclusão dessa etapa.

Mediante os dados coletados, identificamos, na escrita dos alunos, o desejo de ingressarem no Ensino Superior, assim como foi observado que, em nenhum momento, eles mencionam universidades públicas. A maioria dos cursos por eles indicados são oferecidos por instituições privadas. Essa constatação vem do fato de que, no local onde a pesquisa foi realizada, existe uma única universidade pública e esta não apresenta, em sua grade, os cursos que esses alunos referem. Um outro aspecto evidenciado é a necessidade de inserção no mercado de trabalho em busca de rendimentos financeiros.

A proposta deste artigo não é oferecer uma descrição das escolhas dos alunos, como também não simplesmente rever as deficiências dessa etapa de escolaridade, mas desenvolver, a partir de discussões e embasamentos teórico-filosóficos, uma reflexão sobre as questões que vêm permeando o Ensino Médio no contexto da realidade social desse público estudantil.

Dessa forma, a pesquisa buscou, não a rotulação de perfis de alunos, mas pretendeu analisar como as subjetivações que perpassam esses alunos contribuem para suas decisões. E como, em meio a tantos movimentos, disciplinamento e discursos, conseguem construir suas decisões. Houve o objetivo ainda de promover e ampliar a compreensão e discussão sobre o papel da escola, em discutir os processos que atravessam o percurso dos alunos, conduzindo-os a refletirem sobre suas escolhas com um olhar crítico.

Finalizamos assinalando os processos de amadurecimento dos alunos diante das descobertas, emoções, conflitos e sobre as decisões que precisam tomar. A escolha nessa fase dá-se tendo em conta a realidade que os alunos precisam enfrentar, contrapondo-se às subjetividades, porém a escola pode demandar espaço e tempo de reflexão sobre os desejos, habilidades e contextos sociais em que esses alunos estão inseridos, de maneira que possam apropriar-se de recursos adequados para preparar seu futuro com autoridade e assertividade.

2 A ESCOLA DISCIPLINAR VERSUS ALUNOS DO SÉCULO XXI

Refletir sobre a natureza das primeiras constituições de escolas pode nos dar subsídios para identificar quais evoluções e quais equívocos podem ter repercutido nos dias atuais. Muito se tem discutido sobre o perfil da escola diante da realidade de nossa sociedade. Muitas práticas, políticas, inovações e metodologias pedagógicas vêm com a intenção de modificar algo que ainda prevalece desde a antiguidade.

Nessa reflexão, não vamos envolver os diferentes perfis das escolas, tampouco adentrar nessas novas metodologias, mas buscaremos tecer o discurso sobre prática disciplinar que vem atravessando a instituição escolar continuamente e que, ao mesmo tempo, vem sendo atravessada por ela.

Percebe-se que a escola segue critérios externos à educação, guiados por parâmetros políticos, ou seja, a forma de periodização da estrutura do ensino leva a determinações econômicas. Cada etapa da educação é uma forma de capacitar o aluno para uma determinada função, qualificando para a próxima fase. Foucault (2011, p. 184) apresentava a escola dos Gobelins, uma escola militar que capacitava o tempo do indivíduo:

Esse é o tempo disciplinar que se impõe pouco a pouco à prática pedagógica – especializando o tempo de formação e destacando-o do tempo adulto, do tempo do ofício adquirido; organizando diversos estágios separados uns dos outros por provas graduadas; determinando programas, que devem desenrolar-se cada um durante uma determinada fase, e que comportam exercícios de dificuldades crescentes; qualificando os indivíduos de acordo com a maneira como percorrem essas séries (FOUCAULT, 2011, p. 184).

Nessa concepção, o ambiente escolar atual parece ser similar ao de décadas passadas, o mesmo modelo de escola citado por Foucault.

O espaço em que funciona a escola, a divisão de séries e classes, as salas de aulas com suas cadeiras em fileiras, o tempo determinado para cada disciplina, alunos em ordem e com uniformes, tendo como finalidade garantir sua obediência e controle do seu tempo. A escola acaba por atribuir-se como espaço no qual os alunos são postos a total vigilância.

O tempo é determinado para cada atividade. Toca o sinal da entrada. A cada intervalo entre as aulas (disciplinas), mais uma vez o sinal é tocado com a intenção de informar os alunos de que encerra uma atividade para começar outra, e assim acontece em toda permanência na escola. O tempo do intervalo se dá em local estratégico, proporcionando que sejam observados pela coordenação nesse “tempo livre”. E por fim, o sinal de saída. O tempo é cronometrado para atender às exigências da escola, uma maneira de controlar o espaço de modo que se produza conhecimento.

[...] os alunos estão confinados, tendo intervalos de tempo disciplinares (Agora pensa em Matemática. Terminou o tempo. Agora pensa em Português. Terminou o tempo. Agora pensa em...), precisam produzir através de trabalhos, seminários, exercícios, provas e mostrar resultados positivos, evitando o erro, buscando reproduzir satisfatoriamente o que lhes foi apresentado, do contrário são punidos com mais exames (provas finais/recuperação) ou a pena mais dolorosa, são obrigados a repetirem o mesmo procedimento com os mesmos conteúdos no ano seguinte, conseqüentemente, passando mais tempo dentro dessa prisão (QUEIROZ, 2019, p. 137).

A construção da escola tem comparações físicas à arquitetura das prisões. Foucault (2011) já apresentava esse padrão de formalidade comparando a escola às prisões. Desde o século XVII, examinava a formação das sociedades, concentrando-se na formação do poder sobre a hierarquia que se produzia nas instituições, em regimes repressivos (prisões) ou pedagógicos (escolas), traduzidos, não apenas pelas suas construções físicas, mas principalmente pela construção e conversão dos indivíduos em corpos dóceis, úteis e disciplinares. A escola constituindo-se como um local que produz sujeitos, discursos e práticas disciplinares.

É tornar o corpo adaptado ao sistema, manipulando, moldando, treinando, tornando-o habilitado e com multiplicidades. É o que Foucault (2011, p. 163) apresenta, “(...) é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Essa comparação da escola com prisão assenta-se na arquitetura, que propõe uma estrutura física comum a ambas. Um espaço fechado, com corredores e salas, onde a diretoria é central, tendo acesso de visão a todas as salas, corredores e banheiros. Todos são monitorados, caso exista a desobediência das regras, serão punidos com suspensões ou expulsos.

A educação está vinculada à constituição do aluno como sujeito, a qual só é possível quando a formação acontece em um meio social. A escola é um local visível do exercício do poder. São relações de forças (FOUCAULT, 2010) que nos perpassam e se encontram em todas as partes, das quais não podemos nos livrar ou nos desviar.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2010, p. 193).

A escola também exerce sua relação de poder ao disciplinar, pois tem como atributo medir, comparar, analisar e essencialmente classificar, sendo um objeto de conhecimento, ao mesmo tempo que manipula um poder sobre o sujeito. Muito além de controle, as instituições escolares precisavam qualificar, capacitar os alunos em seu processo de aprendizagem, o exame escolar permitia esse controle, "(...) o exame combina as técnicas de hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza (...)" (FOUCAULT, 2011, p. 209)

Por meio da avaliação, muito além da verificação de aprendizagem, do controle dos alunos, a escola busca um novo meio de segregação para diferenciar os "aprovados" dos "reprovados", usando o exame como ferramenta.

[...] a escola torna-se uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino. Tratar-se-á cada vez menos daquelas justas em que os alunos defrontam forças e cada vez mais de uma comparação perpétua de cada uma com todos, que permite ao mesmo tempo medir e sancionar (FOUCAULT, 2011, p. 348).

Desse modo, o conhecimento, quando tomado para o aluno, torna a escola um ambiente de execução da educação, que conduz à formação do aluno sob o exercício do poder. São confrontados aqueles que "têm o conhecimento" com os que "não têm", podendo-se compensá-los com a aprovação ou puni-los com a reprovação. Em decorrência, torna-se uma espécie de aparelho, que acompanha o cumprimento dos alunos em suas atividades exigidas, organiza-os, determina-os e classifica-os dentro da estrutura social das instituições escolares, sendo um desses processos o exame:

O exame não se contenta em sancionar um aprendiz; é um de seus fatores permanentes: sustenta-o segundo um ritual de poder constantemente renovado. O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos [...] o exame é na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre (FOUCAULT, 2011, p. 211).

Se, por um lado, a instituição escolar segue o padrão de um poder disciplinar, em que tenta capitalizar o tempo do aluno na escola, ficando ele sob vigilância; do outro lado, está o aluno que constrói a todo momento a percepção de sua identidade, baseando-se na nova cultura - a era tecnológica -. É o aluno do século XXI.

A história da educação, ao longo de sua existência, vem transformando-se; no entanto os espaços nem sempre se modificam, fixando-se como espaços próprios e físicos, estando limitados aos saberes e conhecimentos. A globalização trouxe uma perspectiva de questionamento sobre tudo o que nos envolve, com grandes impactos na educação.

As progressivas ondas de tecnologia digitais que invadem nossos meios sociais e culturais vêm acompanhadas de uma inquietação que suscita discussões sobre a conjunção da cultura virtual na constituição dos sujeitos escolares na era da tecnologia.

Tais invasores estão relacionados com um conjunto de aparatos – wifi, smartphones, gps, painéis eletrônicos, tablets e as imensas redes sociais – instagram, tiktok, facebook, telegram, whatsapp, Youtube, Twitter, entre muitas outras – que são os maiores atrativos para os alunos, os quais estão imersos nessa nova cultura digital. Instigados pelas tecnologias digitais, ficam desencaixados do ambiente escolar, parecendo não fazer parte do local pedagógico. Vivem em um mundo em que o hiperativismo sociovirtual (QUEIROZ, 2016) tem grande transparência, onde cada vez mais somos tomados por algo e sempre queremos acompanhar o desenrolar dos fatos ou as novidades.

A escola encontra-se com sua posição disciplinar, enquanto os alunos percorrem o século XXI de forma bem mais acelerada. O que acontece é que o mundo está permeado pelas novas ondas tecnológicas, e a escola encontra-se desconectada. É indispensável que a escola e a sala de aula possam dialogar com esse novo mundo.

Um dos problemas enfrentados na educação é sua incapacidade de suscitar interesse, de atração e de diálogo. O professor não é único portador de informações. A qualquer momento, hora e lugar, as pessoas conseguem as informações de forma rápida. Os alunos não sentem a necessidade de ficar horas e horas confinados em uma sala de aula.

Com a considerável onda de informações vista pelos alunos, entende-se que a escola é desnecessária, sendo que podem a qualquer momento, e apenas a um click, descobrir e pesquisar em seus aparelhos o que precisar, "(...) como se o conhecimento se desse sob a forma de informações, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informações." (LARROSA, 2002, p. 22).

Nessa compreensão, o papel da escola continua tão importante quanto em outras épocas. O que acontece é que agora ela precisa incentivar seus alunos a aprofundarem seus conhecimentos e que façam conexões com tudo o que está em sua volta para que a experiência de fato aconteça, que sejam provocados pelo desejo de buscarem o novo e contextualizar com os saberes que a escola exterioriza. O saber educacional está distante da informação e mais próximo das experiências que recorrem a práticas discursivas, compreendidas para a construção da identidade de cada sujeito.

É fundamental a experiência para que o aluno seja tocado, transpassado para que se torne capaz de participar da sociedade ativamente. "[...] é incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre." (LARROSA, 2002, p. 25).

O próprio sistema educacional não permite que as escolas sigam e avancem para o século XXI, em que os alunos já se encontram, aprisionando-os no século passado pela falta de investimentos para a chegada de informações, para motivações. A escola se torna "(...) uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar." (FOUCAULT, 2011, p. 173).

Nessa perspectiva, os alunos deixam de viver a experiência e não têm consonância com suas próprias ideias; são levados como manada, e muitas vezes tomam decisões que não são desejáveis, mas que são as que as outras pessoas julgam corretas para eles, ou tornam-se frustrados em suas escolhas para o futuro.

Para as transformações possíveis nessa conjuntura social que ocorre entre escola, professor, aluno e suas relações, é necessário um contrapoder que resista a essas características, oferecendo aos atores desse contexto uma resistência em quebrar esses efeitos de difusão e suas sucessivas rupturas.

3 ESCOLHA PARA O FUTURO EM MEIO AS PRESSÕES SOCIAIS

O Ensino Médio representa, na Educação Básica, apenas três ou quatro anos, dentro de uma controvérsia, pois traz dificuldades para definir políticas educacionais. Percebe-se que o Ensino Médio não tem uma identidade, uma vez que ele remete à passagem do aluno para o Ensino Superior ou para o ingresso no mercado de trabalho.

O desafio da escolha por uma carreira profissional é crescente em nossa sociedade. O momento em que nos encontramos, sob a ameaça de desemprego e da reestruturação das relações formais do trabalho, acarreta aos alunos que estão saindo do Ensino Médio uma incerteza, influenciando seus projetos profissionais, acadêmicos e suas escolhas para o futuro.

Um outro fator é a pluralidade de discursos indicadores de profissões que são classificadas como de “sucesso” e que influenciam o pensamento dos jovens. É perceptível que esse incentivo à busca por carreiras promissoras acaba tornando-se um empecilho para os alunos encontrarem o caminho que, de fato, desejam trilhar. Eles sofrem pressões constantes durante o período de impasse quanto à escolha profissional.

Quando criança, temos o sonho da profissão perfeita. Na fase da adolescência, em que a realidade começa a mudar, ficamos diante de fatores que influenciam essa escolha: a família, os amigos, a sociedade. Acabamos esquecendo de analisar outras diferentes influências, as perspectivas profissionais e as nossas razões internas.

Entretanto as pressões provocadas pela dicotomia entre o real desejo do indivíduo e as influências externas na hora de escolher e tomar uma decisão sobre o futuro acabam privando os alunos do seu devir, levando-os a seguirem a maioria, aquilo que é imposto por outros. É ser levado por um caminho que não se deseja seguir, mas ao qual se dá consentimento.

Em meio a essa onda de influências, encontra-se o aluno no centro do caos, sofrendo constantemente o processo de subjetivação, que o constitui e reconstitui:

(...) o modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetivação tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criança, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 33).

Ao mesmo tempo em que os indivíduos têm a percepção da construção e reconstrução de sua identidade, há um outro fator que interfere eficientemente: a globalização.

Esse forte avanço da globalização passou a transformar a escola em formadora de padrões, tendo o aluno como produto das necessidades do mercado, criando uma competitividade, um perfil adequado às exigências do capitalismo.

[...] mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1996, p. 01).

Nesse efeito da globalização de novas tecnologias, são criadas “(...) identidades globalizadas flexíveis (...)” (ROLNIK, 1996, p. 26), que são formas de subjetivação que se estruturam e se desfazem, conforme as mudanças na órbitas desses efeitos. O que acontece é que as perspectivas do capitalismo desenvolvem uma preparação para o mercado de trabalho; com isso, a escola forma os alunos como “mercadorias”, seguindo as necessidades da sociedade para atender à imposição do mercado capitalista.

“Para que os modos de produção obtivessem sucesso, era preciso “produzir” o perfil do trabalhador adequado às atividades. Dessa forma, a escola se adequava às exigências do mundo do trabalho.” (ALVES, 2011, p. 06, grifo do autor).

Embora a educação seja atualmente uma preparação para habilidades e adaptações ao mercado de trabalho, “(...) não se deve subjetivar a educação como forma de propiciar aos alunos, principalmente das escolas públicas, melhores condições de adaptação ao meio (...)” (ALVES, 2011 p. 08), ela deve proporcionar a compreensão da realidade e uma reflexão do meio em que vive para, sim, transformá-la.

A escola assume a responsabilidade social, uma vez que tem o potencial de promover a mudança na sociedade por meio de uma ação política transformadora, a partir do diálogo com os alunos, percebendo que estes não são “produtos” do mercado e a escola não é “indústria”. Essa relação entre escola e aluno deve existir para a reflexão, socialização e construção de sujeitos críticos e participativos na sociedade sem nenhuma forma de restrição de sua participação, criando paradigmas para trabalhar esses modelos de relação que se constrói entre a educação e o trabalho. No entanto a escola,

Precisa saber adotar como base um novo conceito de qualificação profissional, não mais pautado em habilidades específicas, típicas de uma determinada ocupação, mas sim numa base de educação geral, sólida e ampla, que permite ao indivíduo não só acompanhar as mudanças nos processos produtivos, mas perceber-se como parte dele e da sociedade (ALVES, 2011, p. 07).

Existe a necessidade de discutir, no Ensino Médio, que o profissionalismo é uma possibilidade para quem está inserido no mercado de trabalho. Essa inserção não deve ser tratada como uma redução em que se contemplam determinados conhecimentos, mas cabe à escola superar esse conhecimento precário, restrito apenas à exigência do trabalho.

Diante dos valores que vêm sendo implementados, com novas modalidades de informações e conhecimentos, as instituições de Ensino Médio perderam a autonomia necessária na constituição dos saberes escolares. Existe, por parte da sociedade, uma pressão crescente pelo aumento de conhecimento que a escola deve oferecer, conhecimento este identificado como o capital mais importante do aluno/trabalhador nas novas formas de produção. Passa-se um discurso que reforça a ideia de que o Ensino Médio facilita a inserção do aluno no mercado de trabalho.

A escola se caracteriza, desde então, como máquina produtora de subjetividade dentro do campo social para atender às exigências econômicas e políticas. Engendra a construção de interesses e intencionalidades, servindo-se de técnicas disciplinares e de controle.

Nesse ponto, o processo de subjetivação torna-se dispositivo de governo,

[...] em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua “liberdade” enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento. (AGAMBEN, 2009, p. 13).

A contemporaneidade, na fase do capitalismo, configura uma realidade em que os dispositivos não agem tanto pela produção do sujeito, nem pelos processos de dessubjetivação (AGAMBEN, 2009), pois não se permite que o sujeito se constitua e se reconstitua.

A sociedade passou por vários processos de elaboração do conhecimento sobre o mundo que o cerca e sobre si. A identificação do papel do sujeito surge com a alternativa teórica para a compreensão de sua relação com o mundo. Mas mesmo com seu papel do sujeito na sociedade, tentam “controlá-lo” para que se alcancem a “neutralidade” e o “equilíbrio social”.

As mudanças na concepção do tempo e do perfil dos alunos não se reduzem a competências que lhes possibilitem conviver com as situações imprevisíveis, com as incertezas e adaptações das novas situações, vão mais além disso, significam o reconhecimento de sua existência enquanto sujeito em relação ao passado, presente e principalmente ao futuro.

Porém, para consolidar a mudança na educação, é preciso que a escola, como meio social, esteja frente a essa luta, tomando voz, para que seus alunos não sejam tratados como apenas trabalhadores e sim futuros sujeitos críticos e participativos. E transformando a educação em uma ação política é um passo satisfatório para essa mudança.

A escola tem de estar comprometida com os desafios apresentados pela realidade complexa e controversa que os alunos têm a enfrentar. O grande desafio da educação é a aproximação do aluno ao mundo contemporâneo; as regras existentes no passado devem ser vistas como possibilidades de mudança, reflexão, para assim aproximar os alunos da realidade atual. Um desafio desse tipo não pode ser pensado na perspectiva da realidade que existia nos séculos passados.

4 ESBOÇO DO CAMPO DA PESQUISA

Encontramos em uma escola da rede Estadual de Ensino a oportunidade de realizar nossa pesquisa. A escolha dessa escola deu-se pelo fato de ela já ter sido utilizada para estágios e projetos de intervenção e pela relação de proximidade na comunidade e com os alunos, compreendendo a realidade em que estão inseridos.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de um questionário aplicado com um grupo de 28 alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Inicialmente, apresentamos a pesquisa e seus objetivos para os alunos, explicitando que o estudo buscava compreender quais os caminhos tomariam após essa fase.

As perguntas eram bem objetivas, algumas eram de múltiplas escolhas e outras abertas. Neste artigo, são apresentados os resultados obtidos a partir das discussões de três perguntas retiradas do questionário aplicado. Uma das perguntas dava início às discussões que pretendíamos desenvolver com a pesquisa.

Essa pesquisa foi fundamentada nos seguintes questionamentos:

- 1) O que você pretende fazer ao terminar o Ensino Médio?
Enem. Qual Curso?
Trabalhar. Em quê?
Curso técnico. Qual?
Ainda não sei.
Outros. O quê?
- 2) Justifique o motivo pelo qual escolheu uma das opções anteriores.
- 3) Indique uma pessoa que você admira? Qual a profissão dele(a)?

Apresentamos algumas falas dos participantes da pesquisa (aqui transcritas), os quais identificamos com as letras do alfabeto, seguidas da letra M para indicar que aquele aluno era oriundo da turma da manhã.

A pesquisa não teve o intuito de identificar ou diagnosticar problemas, mas foi uma forma de trazer a reflexão sobre como os alunos estão sendo inseridos nessa nova fase, que subjetivações os transpassam que os fazem tomar suas decisões.

5 ADENTRANDO A REFLEXÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Geralmente, a escolha por uma profissão é concebida por meio de decisões conflituosas que envolvem vários fatores de interferência: família, escola, sociedade, interferência essas que acabam por subjetivar o aluno a uma decisão. Essas escolhas são reforçadas e sofrem maior pressão no final do Ensino Médio, etapa em que o aluno se defronta com os questionamentos: Que carreira seguir ? Que caminhos ? Universidade, trabalho ou curso profissionalizante ? Entre outras questões que surgem.

No primeiro questionamento: “O que você pretende fazer ao terminar o Ensino Médio?”, os alguns alunos marcaram mais de uma opção. Obtivemos que 75% optaram pelo Enem como propósito. Distribuimos as respostas como: 50% optaram apenas pelo Enem; 14%, Enem e

trabalhar; 7%, Enem e curso técnico; 4%, Enem e outros; 14%, trabalhar; 7%, curso técnico e 4%, outros.

O propósito de ingressar no Ensino Superior é um marco na vida das pessoas. Abrem-se novos caminhos e perspectivas, e o aluno tem de se sentir preparado para essa decisão. O ingresso na graduação não é fácil, assim como sua permanência, pois a desistência pode ocorrer por diversos aspectos, por isso, precisam saber analisar e refletir sobre suas habilidades, aptidões, interesses, saber lidar com tudo isso e avaliar sua decisão, tornando-a consciente.

Ainda sobre a questão 1), houve um número considerado de alunos que manifestaram interesse no curso de Direito (32%). Também foi constatado um número expressivo que mostra o interesse na área de saúde (28%), cursos como Nutrição, Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia e outros.

A escolha por uma carreira é feita por uma cultura social, assim como seguir carreiras de maior prestígio social. E um fator instigante é não perceber através das respostas dos alunos o desejo de ingresso em Universidades públicas, visto que, os cursos pretendidos eram ofertados por instituições privadas de Ensino Superior.

Compreende-se que, atualmente, para o ingresso nas Universidade Públicas e em uma boa parte das instituições privadas de Ensino Superior, é utilizado o Enem como único meio e/ou parcial para o acesso a essas instituições. Essa ideia de que o Enem foi instituído para essa inserção dos alunos em cursos superiores pode reverberar sobre os poderes existentes nesses exames, que utilizam essa ferramenta disciplinar sobre os alunos para que tomem decisões pré-estabelecidas, pois uma vez que não se dá espaço para todos de modo que realmente haja acesso e permanência na graduação, os alunos são obrigados a tomarem outros caminhos já estabelecidos para se chegar ao Ensino Superior, independentemente do curso que havia escolhido fazer.

Ao especificarem o curso que pretendiam fazer, ao escolher a opção do Enem, os alunos nos inquietam sobre essas possibilidades de curso, visto que estes só são ofertados por instituições privadas. Percebemos em suas respostas que talvez o ingresso na universidade pública seja algo distante para esses alunos. Entende-se que o Enem, como única porta para o curso superior, acaba tornando-se uma forma de segregação, pois sem menosprezar, mas compreendendo a realidade das escolas públicas, a disputa desses alunos com os egressos de escolas privadas certamente interfere em suas decisões.

Um outro dado que chama a atenção é a escolha pelo curso técnico por parte de 22% dos participantes da pesquisa e o trabalho por 14%. A necessidade de se manter uma estrutura financeira preocupa os alunos que escolheram essas opções. E podemos compreender em suas falas as inseguranças que sentem sobre o futuro, e as necessidades que têm de ingressar no mercado de trabalho.

Alunos:

“Com um curso técnico, logo depois posso trabalhar.” (Aluno FM, 2017).

“Quero trabalhar, ser independente. Depois posso pensar em faculdade.” (Aluno BM, 2017).

“Eu penso em trabalhar, conseguir um emprego em algo que goste, quem sabe depois posso pagar uma faculdade” (Aluno EM, 2017).

“Eu já trabalho, então vou continuar, depois quero fazer uma faculdade, mas não quando terminar os estudos.” (Aluno IM, 2017)

“Quero trabalhar, ir morar sozinha, ser independente.” (Aluno DM, 2017)

Assim como podemos identificar nas respostas desses alunos, como exemplo, a razão pela qual se decide trabalhar ou fazer um curso técnico está mais relacionada aos fatores de

preocupação profissional e financeira, ou seja, o aluno procura adquirir novos conhecimentos mais para se adequar ao mercado de trabalho do que pelo real interesse na profissão. “Toda a vida dos membros das camadas trabalhadoras, desde a infância, é preenchida por preocupações a respeito do trabalho alienado que está desenvolvendo ou vai desenvolver no futuro.” (PARO, 1999, p. 09).

Seguimos interrogando-os: 2) Justifique o motivo pelo qual escolheu uma das opções anteriores”.

Obtivemos nas respostas dos alunos uma preferência por: identificação, sonho, melhores condições financeiras, família, interesse, desejos.

As expectativas que a família coloca sobre a decisão do aluno, a sua profissão ou carreira, podem carregar conflitos de interesse. O aluno, em imposição, enfrenta a todos, se seguir seus próprios objetivos, ou se deixa subjetivar e direciona a escolha a partir de suas identificações com o projeto da família. Toda escolha compõe-se de influências, seja do meio social e/ou da família, por sermos construídos nesses meios como um todo.

Compreendemos que, a todo momento, vivemos em constantes ondas de subjetivações e essas escolhas podem estar alicerçadas nessas formas. São meios de subjetivação que se formam e se desfazem, conforme as mudanças nas órbitas desses efeitos,

(...) mesmo que tenhamos o desejo de agradar o outro, permitindo-nos ser subjetivados por eles, deixando-nos aprisionar, isso continua sendo um agenciamento, pois permanecemos por nossa vontade, pelo nosso desejo, podendo nos ausentar, quando não mais desejar. (QUEIROZ, 2015, p. 02).

Nessa perspectiva, o aluno constrói-se à medida que as forças externas, das influências sociais, afetam-no. O que não se pode é assumir o aluno como entidade pronta, mas que se constrói e reconstrói a partir do momento em que essas forças atribuem-lhe uma forma contingente, na proporção que esse sujeito admite ser subjetivado desejantemente. O desejo é algo disciplinar que se constrói nos infinitos campos da subjetivação, que se moldam nos diferentes meios sociais. O desejo se conecta a novos agenciamentos de modo a ter uma forma desejável, mas nunca pronta,

O desejo aparece como algo flúor, meio nebuloso, meio desorganizado, espécie de força bruta que precisa estar passando pelas malhas do simbólico e da castração segundo a psicanálise, ou pelas malhas de algum tipo de organização de centralismo democrático [...] Poder-se-ia enumerar uma infinidade de tipos de modelização que se propõem, cada um em seu campo, a disciplinar o desejo (ROLNIK, 1996, p. 215).

Seguindo, percebemos uma ligação da pergunta anterior (2) com as respostas do próximo questionamento: (3) “Indique uma pessoa que admira. Qual a profissão dele(a)”?

Nos resultados, podemos constatar que em 53% dos alunos, a família era o alvo de admiração da sua admiração, seguida de profissionais de saúde em 19%; pessoas famosas, 11% e outros, 17%. Diante desses achados, podemos reputar a família como fator importante e de grande influência.

É necessário que o aluno tenha o senso crítico para discernir sobre suas preferências, estando sob essas influências. Daí a importância de verificar a escolha de forma consciente, para que, futuramente, na prática, percebam que a escolha não correspondia aos seus desejos, às suas expectativas.

Um outro ponto que chama a atenção nessa pergunta é que a opção pela carreira profissional tem uma grande correlação com a pessoa admirada, cerca de 64% dos alunos apresentavam essa relação em suas respostas.

Alunos:

“Tenho grande admiração por meu primo, ele é advogado.” (Resposta do aluno LM)

“Meu primo, advogado.” (Resposta do aluno CM)

“Admiro minha tia, enfermeira.” (Resposta aluno JM)

“Dra. Cintia, dentista.” (Resposta do aluno AM)

“Meu tio, policial.” (Resposta do aluno HM)

“Minha mãe, ela é técnica em Enfermagem.”(Resposta do aluno GM)

As respostas dos alunos retrocitadas mostram a relação que existe entre a carreira profissional e a pessoa admirada. Os alunos LM e CM, na questão 1), assinalaram que pretendiam fazer Enem e cursar Direito, apresentando ligação com a pessoa admirada, o primo advogado. Assim como o aluno JM, que mencionou o curso de Enfermagem para a faculdade e tinha admiração pela tia, enfermeira. O aluno AM, que almejava o curso de Odontologia e revelou ter admiração por uma profissional da área. O aluno HM queria cursar Direito e pretendia seguir a carreira militar, assim como seu tio e o aluno GM tinha admiração pela mãe, que exercia a função de técnica em Enfermagem, e marcou as opções Enem no curso de Enfermagem e curso técnico em Enfermagem. Outros alunos também apresentaram essa relação.

Os processos de subjetivação acontecem na medida em que os sujeitos se constituem ao encontro dessas forças, que são centradas em experiências e processos de subjetivação que os perpassam, onde existe a relação de produzir e ser produzido. O que pode ocorrer é o aluno se privar do seu devir:

O devir é o movimento que compõe o momento atual e não algo que se pretende alcançar, que se almeja conseguir, obter, cujo foco está no futuro [...] diferente do devir seria o porvir, em que há uma intencionalidade movendo-o, identificando-o, o imitar algo ou alguém. (QUEIROZ, 2015, p. 174).

Contudo é essencial entender que a escola e a família precisam saber orientar seus alunos em uma escolha profissional, não no sentido de indicação, mas trazer a reflexão acerca dos determinantes pessoais e sociais das opções profissionais a fim de que estes possam colocar-se na inserção crítica e consciente dos alunos em meio as suas escolhas.

A pesquisa que deu origem a este artigo teve como foco a reflexão sobre os alunos, imersos nas decisões que devem tomar, estando inseridos nos contextos de uma educação disciplinar, em volta de um mundo tecnologicamente moderno, forçando-os a uma decisão que pode estar relacionada à reprodução de discursos, às verdades vindas da família, da sociedade e de amigos. A escola, como local de constituição e reconstituição do sujeito, por meio de discussões, deve buscar desenvolver no aluno o pensamento crítico, o senso de decisão.

6 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Evidenciamos, na pesquisa reportada neste arquivo, questões pertinentes a um grupo de alunos dos anos finais da Educação Básica que, na verdade, são intrínsecas a todos os alunos nessa fase da educação. Não temos a preocupação de responder a essas questões, mas, sim, fazê-las reverberar entre os atores da educação, dando visibilidade aos movimentos que perpassam esses alunos em suas decisões futuras.

É importante pensarmos que a construção dessa análise deu-se a partir da pesquisa realizada com alunos do Ensino Médio, que serviu de requisito para a reflexão e realização de um contraponto entre as teorias apresentadas, com ênfase nas respostas dos alunos.

A escolha em absoluto, sem dúvida, é um grande passo para o futuro. Em alguns casos, existem caminhos que acabam forçando uma escolha que não reflete o desejo do aluno, por ser considerada a melhor, que garanta um futuro propício e seguro. Para evitar isso, esses alunos precisam de segurança e apoio, seja da família, escola, sociedade, não como forma de imposição, teste vocacional, mas um acolhimento que possa orientá-los para uma melhor decisão, visto que essa escolha é individual e somente eles são capazes de decidir o caminho que desejam seguir.

Não existe um perfil de alunos do Ensino Médio que está em meio a conclusão, mas, de forma geral, podemos perceber que os alunos chegam a essa etapa final da educação confusos e com incertezas; alguns já compreendem o que desejam, mesmo que vá de encontro a opiniões alheias, enquanto outros seguem o que é imaginado como ideal para eles. De um modo mais geral, eles compreendem que a decisão é deles. A maneira como se impõem nas aulas de forma ativa, dialogando, participando, refletindo, construindo o senso crítico, aumenta as chances de se sentirem seguros nas decisões.

É importante compreender que não existe certo e errado, mas caminhos a serem construídos. A constituição do sujeito se dá nos processos de subjetivações. Não se pode abandoná-los em suas decisões, nem causar incerteza ao impor respostas prontas. Esse processo coincide com ensiná-los a procurar alternativas, fortalecê-los e torná-los seguros na decisão para que o medo não interfira nas decisões para o futuro.

Com essa pesquisa, foi possível firmar uma postura crítica perante as políticas educacionais contemporâneas, ampliando a compreensão da necessidade de repensar o modelo de uma educação de séculos passados que reverbera ainda hoje, dando relevância à relação que a educação tem sobre a vida desses alunos. Concebe-se também o aluno não como “produto” ou “objeto” do processo educacional e sim como sujeito ativo na constituição de sua identidade. Compreendida pelas teorias abordadas nesse artigo, a escola precisa saber lidar com esse novo aluno do século XXI, quebrar as barreiras que os impedem de progredir, sair do discurso de uma escola disciplinar, que controla os alunos, os quais estão vivendo o excesso de informação que os faz não desejar estar na escola.

O aluno precisa sair do Ensino Médio com a consciência da imersão em uma nova fase, independentemente de suas escolhas. E as exigências que se têm fora da realidade a que estão acostumados são bem diferentes.

Diante de todas essas pressões do sistema, a escolha dos alunos, em alguns casos, só pode ser feita com as possibilidades e escolhas determinadas socialmente, conduzindo o estudante a seguir o que é oferecido. No entanto o sistema educacional não pode estacionar e fechar os olhos ao invés de quebrar os paradigmas e superar os conceitos ultrapassados da educação. É preciso criar espaço para reflexões sobre a falta de compatibilidade de ideias entre os professores, gestores e corpo estudantil, fato que a escola não busca compreender.

Existe um novo perfil de aluno, aquele que precisa ser ativo no desenvolvimento de seu senso crítico, não mais aquele aluno passivo, monitorado pelo professor, o qual repassa o saber de forma mecânica. É necessário que os alunos estejam em constante participação,

argumentando, refletindo, dialogando, construindo e reconstruindo, em constantes transformações.

Sem dúvida, a escola precisa de mudança e reencontrar seu lugar na sociedade, não como instituição que prepara para a economia, mas para o enfrentamento de questões das esferas social e política. Uma transição que busque encontrar seu lugar próprio de construção, permitindo a expansão das potencialidades humanas, a capacidade de construir a reflexão, a identidade dos seus alunos.

Ao término da pesquisa aqui trazida, passamos a acreditar que, ao ampliar a compreensão do real, ou seja, de como esses alunos são levados, as possibilidades do conhecimento em geral, as análises dos limites e possibilidades de pensar e agir diante das teorias abordadas, produziremos conhecimento fundamentado, que possibilita, não apenas descrever a realidade, mas principalmente discuti-la, proporcionando estratégias de intervenções mais efetivas, para a escola, junto à sociedade. Além disso, com as reflexões dos alunos acerca do questionário, foi possível resgatar em suas falas alguns determinantes das escolhas. Assim, ao produzirmos espaços de inteligibilidade sobre as subjetividades desses alunos, acreditamos que não finalizamos as múltiplas possibilidades desse estudo, entretanto poderemos avançar na produção de novos conhecimentos relativos a essa temática, adentrando em novas subjetividades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALVES, Flávia B. B. A relação entre educação e capitalismo: o aluno como “produto” da “indústria” escola. In: **Revista Eletrônica da faculdade Metodista Granbery**, vol.1, núm.10, p. 2 – 10, jan/jun, 2011.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 24 ed. São Paulo: Edições Graal, 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões. 39 ed. Trad. R. Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografia do desejo. 4. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **RBE** Jan/Fev/Mar/Abril. 2002. N.19.
- PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETTI, Celso João; SILVA JÚNIOR, João dos Reis; OLIVEIRA, Maria Rita N. (Org.). **Trabalho, formação e currículo**: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999. p. 101-120.
- QUEIROZ, S. M. A educação em meio ao Hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, XII, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBEM, 2016. V. 1, p. 1-9.
- QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- QUEIROZ, S. M. Sala de aula: sociedade de controle, comprismo e hiperativismo sócio-virtual versus o cuidado de si. In: Maria Fernanda dos Santos Alencar; Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda; Maria Fabiana da Silva Costa. (Org.). **Formação de professores e processos de ensino e aprendizagem**: práticas pedagógicas e contribuições das políticas públicas. 1 ed. Caruaru: UFPE, v. 6, p. 135-158, 2019.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização. Reelaboração de artigo publicado no **caderno “Mais!”** da Folha de São Paulo, 19/05/1996.

Submetido em julho de 2023.
Aprovado em dezembro de 2023.

Amital Aminadab Santos Brito

Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFPE). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru, PE. ID Lattes: 5939661673941113. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0267-2826>.

Contato: amital.matematica@gmail.com

Simone Moura Queiroz

Doutora em Educação Matemática (UNESP). Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil. ID Lattes: 0630970592118924. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3878-4619>.

Contato: simonemq35@gmail.com